

8 – Um porto seguro sob o Equador

Um dos símbolos mais intrigantes da Tradição e que foi popularizado pela Bíblia é a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. A partir de várias indicações e sugestões de diferentes fontes, os autores propõem aqui uma interpretação que é também um registro das muitas versões sobre o que vem, a ser, afinal, esta Árvore, um emblema tão significativo quando o Graal. Primeiramente, pode causar surpresa a circunstância de que tanto a Árvore da Ciência do Bem e do Mal quanto o Cálice Sagrado têm relação com o mistério do feminino.

Não sendo um só, mas vários dentro de uma unidade, consistindo de uma peça original com sete gêmeas virtualmente iguais à Oitava, fonte das demais, o Graal, que hoje permanece resguardado nos Mundos Interiores, segue o modelo do Sistema Planetário arquetipal da Evolução: sete Globos luminosos ou Planetas em torno do Sol espiritual, o Oitavo, sendo este a síntese de todo o Sistema.

Cada uma das catedrais mencionadas no Cap. 7 abrigou uma das réplicas-gêmeas da Taça durante um tempo. O Graal como Oitavo contém suas sete reproduções virtuais, e só vem à face da Terra nos momentos máximos de abertura de um novo ciclo.

O Cálice está construído segundo medidas canônicas. Lorenzo Paolo Domiciani, autor misterioso às vezes identificado como sendo uma outra identidade literária (heterônimo) de Saint-Germain, o grande iluminado francês do século XVIII, personagem entrevistado entre a sombra e a luz da lenda, escreveu:

"Esse Cálice ou Taça possui as suas medidas canônicas, conhecidas por alguns, por exemplo, pela Ordem dos Monges Construtores, que deram origem posteriormente aos Rosacruztes (...) [O autor refere-se aqui aos antigos membros da Ordem criada por Christian Rosenkreutz]. De tais medidas canônicas foi que se serviu o autor da "Vênus de Milo", para a [medida] da protuberância dos seios da estátua, por ser justamente idêntica à da concavidade da referida Taça ou Cálice... como se sabe, obediente aos prováveis cânones da deusa mitológica" (Dharana, julho/agosto/1954).

O autor rosacruciano-maçônico-teosófico Jorge Adoum (Mestre Jefa), na obra **"Poderes ou O Livro que Diviniza"** (Editora Pensamento, São Paulo, 1993, publicado originalmente em Quito, Equador, em 1940), sustenta uma informação que instiga a idéia da relação entre o poder espiritual e suas expressões simbólicas no mundo. Diz Adoum (p. 20): "a mulher é a árvore da Ciência do Bem e do Mal, cujos frutos causam a morte ao libertino e a vida aos parcimoniosos e prudentes".

Isto lança uma luz diferente sobre a questão que abordamos no seguimento deste capítulo, indagando sobre o que seria, tanto simbólica quanto concretamente, a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Esta existia, segundo a Tradição, na Quarta Cidade Atlante, a Cidade dos Telhados Resplandecentes, que como já vimos ficava no planalto central do Brasil (no atual Mato Grosso). Tendo a Quarta Cidade liderada a insurreição que levou à invasão da Oitava, Shamballah (então ainda na Face da Terra), foi esta invasão o *pecado* que *originou* a grande transformação trazida pelo colapso da civilização da Atlântida.

No simbolismo bíblico, o pecado original ocorre quando a mulher induz o homem a comer o fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Como a Tradição registra que a liderança da Quarta Cidade (onde mitologicamente estava plantada aquela Árvore) não se conformava com o nível de seu limitado acesso ao conhecimento guardado na Oitava, resta saber qual o papel da mulher nessa trama.

O inconformismo do povo da Quarta Cidade foi o ostensivo motivo da invasão da Oitava, que redundaria na grande guerra. A conflagração atlante é o primeiro dos três maiores conflitos referidos pela Tradição, sendo os dois outros a guerra de Tróia, narrada na *Ilíada*, e a guerra do Ceilão, narrada no *Mahabharata* (nome que em sânscrito significa “A Grande Índia”).

Como já vimos, o motivo tanto das batalhas troianas quanto das cingalesas foi o resgate de uma mulher raptada: Helena no primeiro caso e Sita no segundo. Pela Tradição fica-se sabendo também que ambas as epopeias trazem no seu bojo o choque entre concepções de vida e sistemas de poder temporal, cultural e espiritual. Foram lutas entre heróis e anti-heróis arquetipais, potestades e deuses, identificando-se uns com o amor universal, outros com a capacidade humana de odiar. Aí também a semelhança dessas guerras com a guerra atlante é muito grande, insinuando ainda mais a ideia de que a memória ancestral da bélica hecatombe da Atlântida encontra-se igualmente na origem da história contada, com variações, na grega *Ilíada* e no hindu *Mahabharata*.

E coloca-se a indagação: se houve na Atlântida, como na Grécia e na Índia mitológicas, uma figura feminina cujo sequestro motivou a guerra, quem foi ela?

A questão remete a uma outra, coerente com o assunto deste livro: que tem isto a ver com as Terras Sagradas do Brasil?

A Quarta Cidade teria sido, no início da fase de decadência da Atlântida, uma espécie de super-Sodoma-Gomorra onde a dissolução dos costumes sexuais chegou a uma radical deterioração. Na disputa alucinada pelo privilégio e o gozo, recorria-se a formas brutais de violência moral e física, com recurso a sofisticadas e maciças formas de baixa magia.

Mas em outro aspecto (ver adiante neste texto) a situação na Quarta Cidade tinha uma motivação básica que, no fundo, era de natureza espiritual: a frustração do povo diante das restrições no acesso ao conhecimento concentrado na Oitava Cidade, Shamballah-na-Face-da-Terra, sede espiritual do império atlante e por isso mesmo sua capital central.

Pode-se dizer que a alternativa Brasil começou a ser definida ainda ao tempo da Idade de Ouro da Atlântida, quando uma das duas grandes capitais, a Cidade dos Telhados Resplandecentes (a Quarta), construída pelos Toltecas e os Turânios, erguia-se majestosa onde é hoje o Planalto de Roosevelt, em Mato Grosso. Era a sede do lado temporal, mundano, do Governo do Mundo. Segundo a Tradição, seus construtores, apesar da opulência material de sua civilização, ainda não haviam desenvolvido o mental a ponto de superarem o instinto conquistador e guerreiro.

A “Árvore da Ciência do Bem e do Mal”, tida pela Tradição como plantada naquela capital e apontada ora como sendo o nome de uma escola iniciática, ora como um supermonumento à Religião-Ciência ou Sabedoria Divina, vinha a ser, afinal, ambas as coisas e mais outras. Podia ser também, e com o mesmo sentido, uma referência ao arquétipo do Homem celeste (cósmico) ideal da tradição cabalística, Adam-Kadmon. Para os cabalistas, Adam-Kadmon identifica-se com o Terceiro Logos (Terceiro Trono), etapa da manifestação divina, correspondendo à ação do Espírito fecundando a Matéria.

Por sua natureza ativa, o Terceiro Logos é eminentemente masculino. Já o Segundo Logos (Segundo Trono) é andrógino: o princípio dito masculino e o princípio dito feminino estão aí em equilíbrio, com tônica na *idealização (plasmação)*, por isso distinguindo-se do Terceiro Trono, onde predomina a *ação*. Daí dizer-se que o Segundo Trono é o plano das Mãe Divina.

Na esfera do manifestado, ao nível humano, estes magnos arquétipos são às vezes chamados de "Gêmeos Espirituais". Ambos devem ser, estar e funcionar juntos, como dois em um só, para que o conhecimento e o poder, sejam espirituais, sejam temporais, se exerçam em sua plenitude. Arquétipalmente representados e presentes entre os atlantes, eram o Imperador/Imperatriz que reinava em Shamballah. Emanava deles o cerne da Civilização atlante, o pleno conhecimento e prática da Religião-Ciência.

Na aplicação deste conhecimento no plano objetivo, político, social, o mesmo acabou monopolizado pela casta sacerdotal em torno dos Gêmeos, na sede espiritual e central do Governo do Mundo, a Cidade das Portas de Ouro, a Oitava cidade, Shamballah-na-Face da Terra.

Na Quarta Cidade, a dos Telhados Resplandecentes, o poder era desequilibradamente masculino. Daí a busca frenética de satisfações materiais, a disputa pelo poder e os privilégios levando à beligerância crônica, à violência, à dissolução. E qual a razão básica desse desequilíbrio?

Na Quarta Cidade funcionava a Hierarquia criadora dos Kumaras ou Senhores de Vênus, os principais componentes da corte do Quinto Planetário, aliás Lúcifer. (Uma das interpretações vê a Árvore da Ciência do Bem e do Mal como sendo a árvore genealógica dos Kumaras). Recorde-se que o Quinto se rebelara justamente por discordar do ritmo da evolução do mental humano, que ele considerava lento demais no Programa Cósmico aprovado pelos Sete Irmãos. Desde então, como punição à rebelia desse Planetário, sua contraparte feminina fora separada dele, uma privação insuportável.

O ramo arábico da Tradição indica que a esposa de Lúcifer esteve aprisionada na estrela Algol (Beta do Perseu). O nome vem do árabe *El Ghoul* ou *Al Ghoul*, significando O Demônio, e foi dado àquela estrela há 10 séculos pelos astrônomos árabes. Segundo a Astronomia moderna (**Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica**, de Ronaldo Mourão, Nova Fronteira/CNPQ, 1987), a estrela ganhou essa

denominação por seu estranho comportamento: sendo uma binária eclipsante, um dos dois astros que a integram é muito menos brilhante que o outro e periodicamente o eclipsa, causando a redução do brilho. Também, o nome antigo da constelação de Perseu, que tinha em Algol seu principal componente, era Demônio.

No apogeu da Quarta Cidade, o território sob seu mando era material e culturalmente muito rico, mas sofria da grave carência espiritual acarretada pela ausência do aspecto feminino arquetipal. Na falta do princípio feminino transcendente, nem o amor-sabedoria avançava nem o poder se consolidava. O elemento masculino procurava-o caoticamente, com radicais formas de excessos nas práticas e costumes.

A exacerbação do sexo e os excessos da valorização do corpo - principalmente do corpo feminino - são traços marcantes do comportamento vigente no Brasil. Isto parece indicar que os resíduos da energia e das vibrações deixadas aqui por aquela fase da Quarta Cidade atlante continuam ativos e ainda por se resolverem. A tônica do papel do Brasil no novo ciclo é a busca do equilíbrio entre a vida material e a vida espiritual - questão de vida e morte para a Civilização contemporânea e que, afinal, estava também na raiz da crise que encerrou a Idade de Ouro da Atlântida.

Esta questão colocada na base dos problemas da Civilização nos dias de hoje é agravada por dois fatores que naquele momento não existiam entre os atlantes: o desequilíbrio material cavando o abismo entre ricos e pobres, e a depredação do meio ambiente ameaçando a vida pela total dessacralização da Face da Terra.

*

Tudo indica que, para Lúcifer, sua contraparte, àquela altura, não mais estava aprisionada em Algol, e sim em Shamballah-na-Face-da-Terra. Tal crença o levou a insuflar os humanos da Quarta Cidade contra a Oitava, para assim tentar libertá-la.

Deste modo, teria cabido a ela, na guerra atlante, o papel que Helena e Sita desempenharam respectivamente na guerra de Tróia e na do Ceilão.

Ainda segundo o Mito, o Rei da quarta cidade, inspirado por Lúcifer, levou seus exércitos a atacarem a Oitava, com o reforço de outras três cidades. Seu grande objetivo consistia em apoderar-se de segredos da Sabedoria Divina que, no entender da liderança sediada na Cidade das Portas de Ouro, nem ele nem seu povo estariam ainda preparados para compreender. Deflagrou-se a guerra mundial que resultou no desvio do eixo da Terra.

Tendo as forças invasoras partido do atual planalto central e estando Shamballah praticamente dentro das atuais águas territoriais deste país, a região onde hoje se situa o Brasil esteve no centro dos acontecimentos mundiais naquele remoto passado.. (Adiante neste texto, citam-se referências que apontam para essa posição geográfica do Brasil na trama evolucionar).

As populações sob o governo da Quarta Cidade espalhavam-se por um território de cerca de 4 milhões de quilômetros quadrados (metade da extensão territorial brasileira). Abrangia do Atlântico ao Pacífico e a bacia do Amazonas. Portanto, data já da

quela época tão afastada a programação das (hoje) terras e gentes brasileiras como uma alternativa, para, a partir do Descobrimento, estarem em condições de reassumir um papel de relevo no enredo cósmico. Voltaremos ao tema anda neste capítulo.

Os invasores da Oitava Cidade tentaram apoderar-se da essência dos Gêmeos por meio de um rito antropofágico, uma suprema e, no caso, caótica eucaristia: devoraram seus corpos. Mas, como já se viu, estes já estavam sem a essência espiritual, que se interiorizara.

A invasão foi um fiasco também no que diz respeito ao resgate da contraparte do Quinto, porque ela não se encontrava lá. Sua libertação do real lugar do confinamento - em Algol - viria a ocorrer muito mais tarde, isto é, já nos tempos modernos, quando o Quinto se reconciliou com seus irmãos Planetários.

Com o colapso da Atlântida, a Árvore da Ciência do Bem e do Mal deixou de ser o símbolo único de máximo repositório e processador arquetipal do conhecimento e da experiência no plano da Evolução. Mitologicamente, o sangue dos Gêmeos, derramado no grande sacrifício, foi recolhido no Graal, sagrada taça construída a partir da Esmeralda desprendida da testa de Lúcifer quando de sua “queda”, na transição da Lemúria para a Atlântida. Deste modo, o Graal e a Árvore passaram a ser simbolicamente uma coisa só.

É notável a alusão, implícita nestes dois símbolos milenares, ao código genético, uma realidade que a ciência terrena só veio a conhecer recentemente. A Árvore relaciona-se à genealogia, e a Taça ao sangue, que na linguagem universal é sinônimo de hereditariedade. Na Teologia clássica, o sangue representa a Natureza (a contingência, o mundo dos atos e circunstâncias) em oposição à Graça (a inspiração divina, a iluminação espiritual). Sendo o Graal o repositório do sangue dos Gêmeos - e a partir daí de todos os demais avatares, seres iluminados -, por isso mesmo expressa a fusão entre Vida-energia e Vida-consciência.

Isto explica também o mito do sangue azul. O *akasha*, o mar sem limites, o oceano sem praias (o campo unificado da Física moderna -, é a substância (ou meio) universal que interliga desde as galáxias às partículas subatômicas. Quando a Ciência atual diz que o sangue é como se fosse uma porção do oceano dentro do corpo, está implicitamente concebendo o sangue como expressando uma porção desse grande fluido, o *akasha*. A este o Esoterismo (e a parapsicologia) consideram o magno caldo de cultura e o arquivo vivo do Universo. No plano espiritual, isto é, no mundo dos arquétipos, o Akasha é azul. Assume o vermelho quando na dimensão material. Por isso o sangue dos seres ascensionados espiritualmente - como até a Revolução Francesa pretendiam ser os reis humanos - é dito azul.

As referências à participação do Brasil no centro do Programa Cósmico estão ora no registro esotérico de fonte ora eubiótica, ora independente.

Como escola de iniciação, a Eubiose caracteriza-se principalmente pelo destaque que dá à contribuição brasileira no trabalho evolucionar. Segundo ela, o avatara Maitrêia, esperado por todas as correntes esotéricas como o protagonista-mor da consciência do

novo ciclo, já nasceu no Brasil e deverá aqui iniciar sua ação transformadora. E ele pode ser tanto uma pessoa quanto um movimento sócio-cultural, como na Renascença: segundo Henrique José de Souza, a Humanidade esperava um Avatar no ano 1000, mas ele só veio cerca de 300 anos depois, e não como uma determinada pessoa, mas como o grande número de artistas, poetas e pensadores renascentistas.

MAIS CONFIRMAÇÕES DO BRASIL: DE FAWCETT À TEOSOFIA CLÁSSICA

Outros dados reforçam a informação de que houve no planalto central brasileiro um grande centro de civilização que deixou marcas ainda ativas no presente e para o futuro imediato.

No registro teosófico mais tradicionalista não se dá relevo a nada disto, parecendo, pelo contrário, prevalecer a intenção - seja deliberada, seja inconsciente - de minimizar esse aspecto. Que Shamballah-na-Face-da-Terra situava-se praticamente nas atuais águas territoriais brasileiras está longe de ser negado por um teosofista ortodoxo como Arthur E. Powell (**O Sistema Solar**, Ed. Pensamento, p. 246). Segundo ele, “*a Cidade das Portas de Ouro situava-se na costa oriental [da Atlântida], quinze graus ao norte do Equador*” -- como já vimos, perto da costa brasileira. Mas, para a mentalidade de Powell, tudo o que de importante tenha ocorrido naquela época, com repercussão nos dias de hoje, concentrou-se no México e no Peru. De passagem, ele informa que os toltecas, aos quais ele mesmo atribui a maior parte dos méritos da civilização atlante, “*chegaram ao Rio de Janeiro*”, porém não diz mais do que isso.

Na mentalidade reinante na comunidade “cultura” do hemisfério norte, prevalecia (e ainda prevalece) uma rejeição preconceituosa em relação aos valores culturais da parte sul do mundo. Nessa perspectiva, a História arcana teria de se situar no México (que afinal também fica no hemisfério norte), ou, na melhor das hipóteses, no Peru. Este, mesmo estando no sul, é visto como uma extensão ou supercolônia dos toltecas.

A ideia de que o presente e o futuro imediato da Humanidade, para serem melhor compreendidos, devem ser vistos como tendo dado uma volta espiral ao mundo, retornando agora à cena da hecatombe atlante, é apoiada por várias fontes.

A saga do coronel Fawcett, a expedição Theodore Roosevelt e o mito bandeirante do Eldorado, mencionadas no seguimento deste texto, apontam para a relevância da história arcaica/arcana do Brasil.

O explorador e aventureiro britânico coronel Percy Harrison Fawcett, que deixou um livro de memórias, publicado pelo filho Brian, veio procurar no Brasil o que dizia ser uma cidade muito antiga. Ele chegou a andar pela Bahia, onde um grupo de bandeirantes avistou grandes ruínas, no século XVII, deixando disto um testemunho, em documento guardado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Contudo, Fawcett não achou em terras baianas o que procurava, e se voltou para a Amazônia mato-grossense, especialmente a região do Roncador.

Em 1925, na última expedição, a quarta, àqueles sertões, trouxe o filho Jack, jovem de 21 para 22 anos. Segundo a mãe, Nina Fawcett, o filho tinha uma missão, anunciada por sábios indianos que visitaram a família no Ceilão, quando o menino nasceu e onde Percy trabalhou como agente do Serviço Secreto britânico, função que desempenhou antes de se aventurar no Desconhecido.

Há indicações de que Jack deveria gerar no ambiente indígena (dito inca-tupi) uma prole que representaria a mescla genética do anglo-saxão com o índio, como emblema da fusão do mental da raça mãe ariana com o da raça mãe atlante. O lado racial desta noção está hoje obsoleto. Segundo a mesma, a transformação de consciência cabia preferencialmente a este ou àquele tipo racial humano com determinada aparência. Tendo o coronel Fawcett vivido muitos anos no Oriente, é quase certo que absorveu ali esta concepção antiga, que ao longo dos séculos acabou contribuindo para um dogmatismo racista.

Não se sabe ao certo o que resultou da missão Fawcett, porque naquela última expedição (a de 1925) o explorador e o filho (junto com um amigo deste, Raleigh Rimmel) desapareceram misteriosamente sem deixar traço, ao norte da Serra do Roncador, em Mato Grosso. Há quem diga que eles se “interiorizaram”, isto é, encontraram o acesso ao Reino do interior da Terra. Esta versão é sustentada pelos teúrgicos do Roncador, que até meados da década de 80 tinham ali um centro de iniciação a que chamavam de Monastério. O Monastério encerrou suas atividades depois da morte do mentor Udo Luckner.

A saga da busca de um magnífico segredo naquela região e seu entorno é enriquecida pela expedição que o ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, ali realizou entre dezembro de 1913 e abril de 1914.

Acompanhado do então coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, o líder norte-americano atravessou a região do grande mistério, entre o centro de Mato Grosso e o sul do Amazonas. O pretexto para esta aventura nos sertões era o desejo dele, de caçar e percorrer “lugares exóticos”, esportes que reconhecidamente gostava de praticar, segundo o coronel Amílcar Botelho de Magalhães, no livro **“Rondon, Uma Relíquia da Pátria”**, publicado há 50 anos pela Biblioteca do Exército.

É provável que Theodore estivesse mais interessado, mesmo, nos enigmas da área, onde muito antigamente existiu uma das duas principais capitais atlantes. O fato de ter escolhido justamente aquele ponto para sua aventura é certamente bem mais do que uma mera coincidência.

O Rio da Dúvida, existente no local, passaria a se chamar Rio Roosevelt, assim como o planalto circundante. Mas se a expedição do ex-presidente realmente tirou alguma dúvida, com certeza, ao que se saiba, foi apenas do nome daquele rio. Se "Teddy" Roosevelt fez alguma descoberta sobre o remoto passado da região, guardou-a para si.

Com o colapso da Atlântida, a Taça do Graal foi levada para os Mundos Interiores. Dali, é trazida periodicamente à Face da Terra, com seu potencial de supertalismã,

nos momentos máximos de mudança de ciclo ou tônica evolucionar. Como já vimos, o ponto da superfície onde a Taça derrama vibrações diretamente, torna-se uma Terra Sagrada.

Nos tempos modernos, a presença do Graal marcou a atuação de uma personagem cujo trabalho filosófico e cultural, no campo do estudo das relações entre religião e Ocultismo, bem como da mitologia e da metafísica oriental, ainda está por ser avaliado em toda a profundidade e extensão. Considerando-se o exposto na primeira parte deste capítulo, nada mais natural e lógico que essa personagem transformadora e perturbadora fosse uma mulher, Helena Petrovna Blavatsky, organizadora da Teosofia.

A passagem da Taça (uma das réplicas-gêmeas) pela Catedral de Washington deu-se no século XIX, segundo se pode deduzir de uma série de informações ligadas ao estabelecimento da sede mundial da Sociedade Teosófica nos Estados Unidos da América do Norte, mais exatamente na cidade de Nova Iorque.

Na época, a existência de um Governo Oculto do Mundo era um segredo iniciático rigorosamente oculto. Hoje, sabe-se que a Taça teria sido levada para lá como uma etapa da Missão Y iniciada por Colombo e Cabral. Como supertalismã, sua presença marcaria definitivamente o destino dos EUA, impulsionando seu progresso em todos os aspectos: cultural, político, econômico, industrial, científico. No entanto, o avanço propriamente espiritual, no sentido da harmonia e da geração da paz mundial com justiça e amor, foi comprometido por fatores resultantes da fortíssima intervenção humana e contrária.

O primeiro fator desse relativo revés foi o desfecho da tentativa da russa Helena Petrovna Blavatsky e do americano Henry Steel Olcott, realizada em 1875 (V. Cap. 7). Os dirigentes do nascente movimento teosófico encontraram intensa oposição da liderança dogmática religiosa norte-americana. Os fundadores da S.T, que se propunha a ter alcance internacional, com uma filial em cada país, sofreram difamações – inclusive a acusação de racismo – e ameaças.

Numa perspectiva histórica, a Teosofia originara-se da filosofia grega clássica na linha de pensadores tão diversificados quanto Platão e Pitágoras, em uma mescla com o Budismo esotérico. Segundo Blavatsky, a Teosofia (em sânscrito. *Gupta Vidya*) é tão antiga quanto a Humanidade pensante e civilizada, e tradicionalmente chamada de sabedoria universal ou dos deuses, pois foram estes que a trouxeram aos humanos. O conhecimento teosófico *esotérico* (interno) está na base de todas as formas *exotéricas* (externas) de religião. Sua idéia fundamental é, em essência, espiritual. O Homem é um ser espiritual em evolução para melhor e pode progredir por meio da atividade física, mental e espiritual adequada. Pode assim desenvolver faculdades e poderes que lhe permitirão ir além do véu do mundo material para entrar em contato consciente com a realidade fundamental.

Ao cabo de alguns anos de severos contratemplos nos EUA, o movimento teosófico refluuiu para o Oriente, estabelecendo-se em Adyar, na região de Madras, Índia, onde sua sede mundial permanece até hoje.

Uma forma de se colocar a proposta de Blavatsky, autora da monumental obra “**A Doutrina Secreta**”, em vários volumes, é que ela tentou, nos Estados Unidos, fazer uma alquimia ou transmutação mental, fundindo o estado de consciência moderno ocidental com o estado de consciência tradicional oriental. Segundo uma comparação de Henrique José de Souza, ela não chegou a alcançar seu objetivo “*por ser mais fácil fundir os metais do que os mentais*”.

O jogo de palavras embute em seu significado o objetivo da operação na escala macro: preparar uma grande transformação de consciência, com base em uma nova configuração do aparelho ou veículo físico – sensorial, emocional e cerebral – do ser humano. Tal configuração não é transformadora por si mesma. Necessita sincronizar-se e fundir-se com o conhecimento trazido pelos avatares. Na linguagem teosófica, isto equivaleria, na corrente fase da Evolução, à formação de uma nova raça mãe, sucessora, na próxima etapa, da ariana ou indo-ariana.

Na Teosofia clássica, este magno acontecimento se processaria gradualmente e só ocorreria de fato daqui a algumas centenas de milhares de anos. O processo, integrado no mistério da Programação Cósmica, incluiria reajustamentos genéticos, com reflexos nas expressões do pensamento e do sentimento. Na parte menos misteriosa, estaria se passando definitivamente do *crer por crer* ao *crer pelo saber*, uma profunda mudança filosófica, intelectual e emocional.

Usa-se aqui a palavra “raça” entre aspas porque o conceito é impreciso, obsoleto, quando se refere a uma espécie como a nossa, que caminha para uma equalização genética sem prejuízo das diferenças entre os indivíduos. A Eubiose substitui o conceito de “raça”, contaminado ao longo de eras de preconceito e intolerância, pelo de “estado de consciência”, hoje independente da tipologia física.

Para a Eubiose, escola iniciática criada por H.J.S. como um prolongamento e ao mesmo tempo uma reformulação da Teosofia, houve, por vários motivos, entre os quais o revés teosófico nos Estados Unidos, um *saque sobre o futuro*: a transformação da espécie humana acelerou-se enormemente, já estando lançadas as bases das duas raças-mães (agora, estados de consciência) do imediato porvir, *bimânica* e *ata-bimânica*. Com o saque sobre o futuro, foram “queimadas” duas etapas da evolução dos arianos. Pelo esquema original, atualmente estamos na quinta sub-raça ariana, a teutônica, e ainda deveriam vir as duas sub-raças restantes da raça mãe ariana. Mas as mesmas tiveram uma total antecipação na sua chegada já estão começando a vir como novas raças-mães.

A etimologia destes dois termos ajuda a clarear seus significados: *bi* (“duas vezes”) + *manas* (do sânscrito para “mental”), significando “duas mentes”; isto é, a fusão do mental concreto (factual, lógico) com o mental abstrato (que opera principalmente com qualidades, relações, ideias, não com a realidade sensível). *Ata* (“mais além”) + *manas* = “além do mental”, indicando o conhecimento intuitivo; ou (como registra o Aurélio) o alcance, em toda a sua plenitude, de uma verdade de ordem diversa daquela que se atinge por meio da razão ou do conhecimento discursivo ou analítico.

A palavra *manas* também lança uma luz diferente sobre o mistério dos discos-voadores ou ufos (sigla da expressão *unidentified flying objects*, “objetos voadores não-identificados”, equivalente ao português *ovnis*).

Entre os antigos hindus, este veículo aéreo era chamado de *vimana* (*vi* ou *bi* + *manas* = “duas mentes”), referindo-se à região fronteira ou faixa operativa entre o mental concreto e o mental abstrato. Como instrumentos ou veículos de conexão entre dois níveis de consciência, os ufos-vimanas são uma forma de ligação entre a Face da Terra, dimensão eminentemente física, e o Reino de Agartha, dimensão eminentemente hiperfísica.

A força motriz que os ufos-vimanas utilizam, conhecida na tradição como *vril*, é também de natureza dual: resulta de um processamento de duas energias, uma telúrica, emanada do Sol vermelho no âmago da Terra, *kundalini*, e outra cósmica, do Sol verde nas profundezas do Cosmos, *fohat*. Esse processamento é realizado no próprio corpo humano (quando habilitado), pelos *chacras* (“rodas, vórtices giratórios”) existentes no corpo etérico). É ajudado por um tipo de artefato (máquina, aparelho) que na terminologia moderna certamente seria chamado de “biomotor”)

Possivelmente não foi por acaso que estes objetos interdimensionais começaram a ser avistados em grande número justamente nos Estados Unidos, a partir do final dos anos 40. Aquela foi uma década definitiva, de reformulação de valores no pós-guerra, de acentuada mudança no psiquismo coletivo, de afirmação da Organização das Nações Unidas, de grandes câmbios na política mundial, de profundas transformações culturais e científicas; uma fase em que os Estados Unidos continuaram beneficiando-se do influxo energético trazido pela presença do Graal em seu território – um impulso residual, pois o supertalismã já tinha sido retirado de lá.

A figura do mestre Jiddu Krishnamurti espelha bem a ambigüidade norte-americana como expressão da bipolaridade oriente-ocidente, que a tentativa teosófica nos EUA tentara explicitar. No início do Século XX, Krishnamurti (nascido na Índia em 1895) fundou, com a britânica Annie Besant, então presidente da S.T. (após a morte de Blavatsky) e C.W. Leadbeater, a Ordem da Estrela. Aí ele foi apresentado como sendo a encarnação da nova consciência, a tônica mental-espiritual do ciclo, o milenarmente anunciado avatar Maitreia. Contudo, em poucos anos, Krishnamurti negaria ter essa condição e promoveria a dissolução da Ordem. Em meados da década de 20, fixou residência em Ojai Valley, na Califórnia, onde viveu e trabalhou, cultivando e difundindo amor e sabedoria, até a morte, em 1986 - mas não como um avatar, e sim como um "simples" mestre ascensionado.

Os norte-americanos também têm suas Terras Sagradas. Já vimos que a atual megalópole profana do planeta (a faixa de Boston a Washington, centralizada em Nova Iorque e incluindo Filadélfia e Baltimore) chegou a desempenhar esse papel, pelo menos potencialmente, como sede – embora temporária – da Sociedade Teosófica. Para os EUA, as Montanhas Rochosas (do outro lado do país) representaram aquilo que o Himalaia foi para o Tibete e a Índia, os Andes para os incas (Peru) e a Sierra Madre para os astecas (México). O Monte Shasta, na Califórnia (4.312 metros de alti-

tude) é um imponente ponto de referência do Governo Oculto do Mundo. No centro-sul norte-americano, registra-se a existência de outra ligação com os Mundos Interiores, El Morro, hoje um parque nacional, no Estado de Arkansas.

Ao que a História arcana indica, a segunda alternativa da Missão Y – referente ao Brasil – já fora acionada previamente, dando a impressão de que se tinha como provável o resultado parcial obtido nos Estados Unidos. A tentativa do rei fenício Badesir, narrada no capítulo 7, tinha o mesmo objetivo fundamental: transferir o centro das operações do programa da Evolução de oriente para ocidente. A variante estadunidense do projeto do GOM sofreu esvaziamento depois do ataque atômico às cidades de Hiroxima e Nagasáqui, em 1945, e dos primeiros testes subterrâneos com explosivos nucleares naquele país, dois anos antes.

CABRAL DESCOBRE O BRASIL, ANCHIETA E RAMALHO O CRIAM

Sendo objetivo da Missão Y promover a fusão de tipos de estado de consciência (modos de percepção/relacionamento entre o ser humano e o mundo), pode-se tentar defini-los, com os riscos que toda simplificação acarreta: de um lado, o modo de origem mais diretamente atlante, com tônica no sensorial-instintivo-psíquico (toltecas, incas, aztecas, ameríndios em geral); do outro, o modo indo-europeu-ariano, impulsionado para o mental-emocional como controlador do sensorial-instintivo, abrindo para a abstração. Estas coisas, nas primeiras raças-mães, tiveram uma implicação genética predominante. E este aspecto não deixava de ter importância na missão Y, embora não fosse decisivo aí, no plano propriamente físico, referindo-se mais, então, à fusão dos mentais, conforme assinalou HJS.

Nas primeiras décadas após o Descobrimento, dois episódios envolvendo miscigenação e caldeamento cultural tornaram-se marcantes.

Na ilha de Itaparica, Bahia, o português Diogo Álvares casou-se com a índia Paraguaçu, da nação tupinambá. Conta a lenda ensinada nos livros escolares que Diogo, um naufrago, foi dar às costas baianas em 1510, e que, atacado por silvícolas, disparou sua arma. Amedrontados com os estampidos, os índios passaram a respeitá-lo, chamando-o de *caramuru*, significando *homem (branco) do fogo* ou *filho do trovão*. Uma tradução mais correta parece ser *homem-dragão* ou *homem-cobra do mar*, nome com forte conteúdo místico e mitológico, uma vez que a serpente é símbolo universal da astúcia e do poder trazidos pelo conhecimento. A moréia, peixe que pela forma lembra uma serpente e é peçonhento, abundante naquelas águas, era chamada de *caramuru*.

Para os eubiotas, a Ilha de Itaparica é uma Terra Sagrada. Eles têm ali um templo em forma de obelisco, no bairro de Mar Grande, na cidade de Vera Cruz, um dos dois municípios da ilha. É o centro de um dos Sistemas Geográficos da Eubiose.

Pelo encontro de duas culturas, dois mundos, duas “raças”, o casamento de Diogo e Paraguaçu (que recebeu o nome cristão de Catarina) passou a emblematizar o início da nova nação.

Entre a população de Itaparica (em tupi, *anteparo de pedras* – arrecifes), é notável a democracia genética, com numerosos casamentos entre pretos, brancos, caboclos e cafusos. Além dos portugueses e dos índios, ali se fixaram, ao longo das gerações, negros e descendentes de holandeses, que por lá andaram durante as décadas da presença batava no Nordeste, no século XVII.

Os primeiros europeus vindos de Portugal a se fixarem no Brasil foram, que se saiba, os dois grumetes que faziam parte da tripulação da esquadra de Cabral aportada onde hoje é Porto Seguro. Segundo a carta de Pero Vaz Caminha, quando o capitão deu a ordem de zarpar, os dois não atenderam ao sinal de chamada e os navios partiram sem eles, de quem nunca mais se teve notícia. Há a hipótese de que seriam na realidade um jovem casal.

Esta idéia encontra base no referencial histórico. No meio da juventude portuguesa da época, era forte o imaginário do Novo Mundo (do qual toda a Europa já tinha notícia pelas viagens de Colombo) como sendo o Paraíso Terrestre reencontrado. Muitos rapazes se engajavam nas navegações, e existem provas documentais de que entre eles havia moças que se travestiam, uma vez que não se admitiam mulheres a bordo. Portanto, não é difícil imaginar que a Europa, já então velha e cansada de guerras, preconceitos, Inquisição, intolerância social, pobreza da imensa maioria, levasse um casal jovem a procurar outro ambiente.

Outro personagem meio histórico, meio mítico, dos começos do Brasil, foi o também português João Ramalho, que se fixou em terras de São Paulo. Há provas históricas de que, pouco depois de 1500, ele era já um personagem importante, influente entre os indígenas e respeitado entre os portugueses. Ramalho, que pelo próprio sobrenome transmite uma ideia de *ramificação*, *disseminação* ou *espalhamento*, deixou uma numerosíssima prole, os primeiros *mamelucos*, mestiços de branco e índio.

Nas décadas e nos séculos seguintes, os mamelucos foram os mais numerosos e mais competentes integrantes das entradas e bandeiras chefiadas por portugueses "abrasileirados", como Fernão Dias, Bartolomeu de Gusmão, Raposo Tavares e Borba Gato. Estes recorreram àqueles homens destemidos e conhecedores dos sertões para se aventurarem no Desconhecido e se comunicarem com os índios.

O padre José de Anchieta nasceu em La Laguna de Tenerife, nas Ilhas Canárias, em 19 de março de 1534, e veio para o Brasil em 1553, na comitiva do segundo governador-geral, D. Duarte da Costa. Tinha 19 anos de idade e sofria de um mal degenerativo que os médicos da época não conheciam. Retrospectivamente, hoje se admite que poderia ser câncer ósseo ou uma doença neurológica grave. Ainda em Portugal, José fez um juramento solene, prostrado diante da imagem da Virgem Maria, de dedicar a ela a sua vida. A decisão de vir para o Brasil atendia ao propósito dele no sentido de, se tivesse de morrer cedo, que fosse em pleno trabalho missionário.

No Brasil, para surpresa dele e dos superiores, os sintomas da doença foram desaparecendo e ele acabou curado.

José de Anchieta aprendeu extensa e profundamente o idioma principal dos índios tupis, o nheengatu ou nenhencatu ("língua boa"), simplificado por ele e outros jesuítas para uso geral. Em 1595, Anchieta publicou a Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil.

Além da catequese dos índios, o "Apóstolo do Brasil", como é conhecido (foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 22 de junho de 1980), realizou várias coisas, como a fundação do Colégio dos Jesuítas, na Bahia, e a missão pacificadora junto aos tamoios, em 1563. Nesta ocasião, escreveu seu famoso "Poema em Louvor à Virgem Maria" - segundo a lenda, nas areias da praia.

Anchieta não deixou de ser um religioso à frente de seu tempo. Ele via na catequese um serviço ao ser humano como um todo, inclusive a parte material, e não apenas à sua alma. Não bastava ensinar o Evangelho aos índios, era preciso também defender-lhes os direitos, apoiando-os em seu desenvolvimento humano e social. Vários séculos se passariam antes de o Concílio Vaticano II admitir a interdependência das dimensões do ser humano, entre o espiritual e o material.

A crônica de sua vida, na visão do Ocultismo, registra que ele, logo depois da chegada à Bahia e antes de ir radicar-se em São Paulo, visitou a Ilha de Itaparica, para pregar aos tupinambás. Partindo de São Paulo, visitou o Sul de Minas, notadamente São Lourenço e São Tomé das Letras.

Morreu em Reritiba (atual Anchieta-ES) em junho de 1597. Os índios carregaram seu corpo por cerca de quinhentos quilômetros e depositaram-no na Capela de São Tiago da Igreja dos Jesuítas.

João Ramalho é uma das figuras mais controvertidas da história da Capitania de São Vicente. Com sua família (ou famílias, como se verá adiante), fincou as raízes de povoações que deram origem às cidades de Santo André e São Paulo, a cujas Câmaras pertenceu. Esse português de Vouzela, segundo alguns, ou de Coimbra, segundo outros, já morava por aqui quando Martim Afonso de Sousa chegou em 1530. Não há registros de como veio. O pesquisador e ex-presidente da República Washington Luiz considerou que ele foi um dos primeiros - talvez o primeiro português - que se fixou no porto de São Vicente, mas o mistério de sua origem continua indecifrado.

Na sesmaria concedida por Martim Afonso a Pero de Góes em 1532, João Ramalho e Antônio Rodrigues - este, um personagem muito pouco conhecido - se declaram estando no Brasil desde "de 15 a 20 anos", o que fixaria sua chegada por volta de 1512.

A atuação de Ramalho foi fundamental na ligação entre o litoral e o planalto, abrindo picadas, criando aldeamentos e facilitando a colonização por sua amizade com os índios. Esteve em choque com os padres jesuítas porque vivia maritalmente com várias índias, "filhas dos maiores". A reconciliação ocorreu quando se casou com a índia Bartira, filha do cacique Tibiriçá. O jesuíta Simão de Vasconcelos chamou-o de "árvore ruim" cujos descendentes "foram maiores males que a própria peste". Em nenhum momento, porém, o padre citou esses crimes, o que deixa sem fundamento a

afirmação. Manoel da Nóbrega também chegou a criticar João Ramalho em uma carta datada de 1553, mas mudou de idéia meses depois, ao conhecê-lo.

Ramalho ajudou Martim Afonso, Manoel da Nóbrega e muitos outros na penetração no sertão. Foi ele também edil (conselheiro) em São Paulo, Santo André, alcaide-mor do campo e figura respeitadíssima nos vilarejos em toda a área, apesar de considerado “inculto e selvagem”. Morreu com mais de 80 anos.

A motivação ostensiva dos líderes das bandeiras era a descoberta de minas de pedras e metais preciosos, além da captura de aborígenes para escravização. Em pouco tempo a utilização do trabalho escravo dos indígenas seria descartada, porque eles simplesmente não se prestavam a essa condição. A escravidão era uma instituição que os índios desconheciam inteiramente. Também, como nômades ou seminômades, tinham à disposição um imenso território para onde fugir, quando perseguidos pelos aprisionadores de escravos. E principalmente, prevaleceu aí o quadro descrito pelo cronista francês Montaigne, que na segunda metade do Século XVI escreveu, referindo-se aos ameríndios (índios das Américas): *“Eles andam nus, comem o que a natureza oferece, constroem suas casas com o que encontram ao redor, não têm leis escritas, nem forças armadas, nem juizes. Não se prestam para escravos”*. E Montaigne concluía com uma filosófica indagação: *“Com efeito, que espécie de domínio se pode exercer sobre seres humanos que não precisam de quase nada para viver?”*.

No geral, o sentimento dos homens cultos sintonizava com o sentimento popular da época, de que o continente recém-descoberto era uma região tão virgem, generosa e sadia que chegava a ser uma Terra Sagrada. A influência do mítico reencontro do Paraíso Terrestre chegou até a obra do francês Rousseau, já no século XVIII, inspirando a figura do “homem natural” ou “bom selvagem”. Rousseau atribuía a existência do Mal, não ao pecado, mas à Sociedade, que afasta o ser humano de sua condição natural, onde ele é bom e feliz (**Du Contrat Social**).

A mística da redescoberta ou reinvenção da felicidade humana também inspirava o imaginário dos bandeirantes: ocultamente, além do interesse de lucro que constituía a base financeira de suas expedições, eles procuravam um certo ponto nos sertões onde se encontraria a ligação com o reino da sabedoria, da harmonia e da paz. Este lugar, que estaria nas profundezas da região virgem, era chamado de *a Misteriosa Z, Manoa, Eldorado*. Ali tudo era fartura e opulência, tanto no sentido material quanto espiritual.

Na penetração para oeste, um dos povos mais combativos que os bandeirantes encontraram foram os xavantes. Para eles, as terras da margem esquerda do rio que delimitava seu território, no atual Mato Grosso, banhando as vertentes da Serra do Roncador, eram tabus. Muitos intrusos foram abatidos ali, o que gerou o nome *Rio das Mortes*. Hoje aqueles índios encontram-se inteiramente pacificados. A função que suas “patrulhas” desempenhavam tornou-se desnecessária até certo ponto ou passou para outras mãos, com a constituição de reservas indígenas ou biológicas e a institucionalização de santuários ecológicos na área e ao redor: Xingu, Chapada dos Guimarães, Chapada dos Veadeiros etc..

A palavra *xavante* sugeriu a Henrique José de Souza um trocadilho, “chave das antas”. O vocábulo “anta” designa o maior mamífero brasileiro, mas também é sinônimo de *dólmen*: o antigo monumento megalítico constituído de grandes pedras verticais com um imensa laje horizontal assentada nas mesmas. Talvez o significado real do nome daquela nação jê seja mesmo “chave dos Andes”: os xavantes guardavam e isolavam um trecho intermediário entre o sul da Amazônia e a base da grande cordilheira. É o prolongamento de uma faixa de terra muito aproximadamente delimitada entre os paralelos 14 e 15, abrangendo, entre o Atlântico ao Pacífico, locais como Salvador, Brasília, a Chapada dos Guimarães e Machu Picchu, no coração andino do Peru.

A Chapada dos Veadeiros, com a cidade de Alto Paraíso de Goiás, considerada por muitos místicos e esotéricos uma Terra Sagrada, fica uns 200 quilômetros ao norte de Brasília, quase dentro da faixa entre aqueles dois paralelos.

Certa corrente de ufologistas místicos dá a essa faixa o nome de *Corredor Bivac*, definindo, segundo eles, um fluxo de energia atravessando o continente sul-americano em três patamares: partindo da baixada litorânea, passando pelo planalto central e alcançando as alturas da Cordilheira dos Andes.

Na tradição tupi, esse roteiro tinha o nome de *Peabiru*, “o caminho iluminado pelo Sol”, que se situava a meio caminho entre o Equador e o Trópico de Capricórnio, configurando uma linha imaginária entre o Nascente e o Poente. Não será por mera coincidência que “o caminho iluminado pelo Sol” é a tradução tradicional da expressão fenícia *Nish-Tao-Ram* - segundo Henrique José de Souza. Recorde-se que os gêmeos Yetbaal, filhos do ex-rei fenício Badezir, costumavam atravessar a Baía de Guanabara para ir a Niterói (*Nish-Tao-Ram*) realizar rituais mágicos relacionados com a missão de ativar o plano do GOM nestas terras, há três milênios.

Tal denominação relaciona-se com o Itinerário de IO, a trajetória do Grande Ego, a Civilização, caminhando na face da Terra nos tempos históricos, de Leste para Oeste. No Itinerário de IO, evoca-se a evolução da Civilização de fonte indo-ariana na sua expressão mediterrânea (fenícios, israelitas, gregos, romanos, portugueses, espanhóis), em mescla com os remanescentes atlantes, os índios das Américas. A grande família linguística dos *caráibas* engloba incas, tupis e muitas tribos do Brasil, designando também os indígenas que habitavam as Antilhas e o *Caribe*.

Desta forma, o ponto de entrada da Missão Y no Brasil, a Bahia (com Porto Seguro), liga-se geodesicamente a Brasília, indo sair em Machu Picchu, ponto de interseção do remoto passado atlante com o presente histórico pós-inca.

Todo este referencial contribuiu para popularizar o mito de que as selvas do sul da Amazônia mato-grossense ligam-se fisicamente às neves andinas por imensas galerias subterrâneas que se entroncam na Serra do Roncador. O entroncamento vai dar na Serra da Mantiqueira, embaixo da cidade de São Tomé das Letras (e de São Lourenço, começando em Pouso Alto), Minas Gerais. Seria, portanto, uma ligação objetiva entre a Mantiqueira, o Roncador e os Andes.

A Mantiqueira é cada vez mais considerada uma Terra Sagrada, compondo, junto com a Serra do Mar, a Serra do Roncador e a Serra dos Órgãos, o mapa orográfico místico-mitológico do Brasil.

Para os eubiótas, o ponto mais avançado do Itinerário de IO nos dias de hoje é a cidade de

São Lourenço, em Minas Gerais, onde eles construíram o templo em estilo grego, dedicado a Maitréia. Não deixa de ser significativo que esta pequena e famosa estância hidromineral tenha sido durante um mês, em 1938, a capital virtual do Brasil. Naqueles dias, aqui permaneceu o então Presidente Getúlio Vargas, que trouxe sua equipe, motivando a visita de vários ministros para despacho.

A Serra do Mar tem um prolongamento (com a baixada de permeio) no maciço da Serra da Carioca, incluindo o Pão de Açúcar, o Corcovado e a Pedra da Gávea, cenários da tentativa fenícia de sacralização avançada deste país. Visto de longe, do mar, o perfil da Serra da Carioca forma o Gigante Deitado.

Na Serra dos Órgãos sediou-se o centro do sistema geográfico de Teresópolis, outra fase no trabalho de preparação da atual região do Grande Rio para a ascensão evolucionária do Brasil. Ali travou-se a mítica batalha entre grupiaras e caacupês (anexo do capítulo 7).

A Serra do Roncador é, para muitas correntes de pensamento (eubiótas, teúrgicos, néo-teosofistas, ufologistas esotéricos), a montanha sagrada central da civilização do Terceiro Milênio.

Todas estas regiões montanhosas abrigam pontos de contato com os Mundos Interiores, portais energéticos, dimensionais (e até mesmo físicos) para o Centro do Planeta, o espaço-tempo onde se plasma (mentaliza-se, concebe-se, modela-se) a realidade mental e espiritual, antessala e área de interseção *para e com* a realidade material. É o útero da Mãe-Terra. Nele se dá a gestação de sentimentos e ideias que, *vindo ao mundo*, tornando-se objetivos na face da Terra, mantêm a alimentação e a retroalimentação entre as duas humanidades, a da superfície e a do interior do planeta.

É um processo de mão dupla que resiste a uma abordagem objetiva, racional, e por isso mesmo misterioso. Para o Ocultismo, fora da dialética que integra dinamicamente os dois pólos (bipolaridade) da realidade, matéria e espírito, não há evolução. Esse casamento transparece na linguagem corrente: *matéria* vem de *mater (mãe)*, enquanto se usa a palavra *pai* ao invocar o princípio espiritual supremo, “Deus” (como na oração *Pai-nosso*).

O poeta Manuel Bandeira (1886-1968) intuiu e traduziu a precariedade da colocação usual, do espírito como sendo absolutamente superior à matéria. No **poema “Momento num Café”**, os homens que estão no bar tiram os chapéus maquinalmente diante de um enterro passante. Só um deles se descobre num gesto solene. Segundo o poeta, este *“saudava a matéria que passava, liberta para sempre da alma extinta”*. Na mesma linha de reconhecimento da bipolaridade, pela valorização do lado materi-

al, o psicanalista e comunicador Eduardo Mascarenhas costumava ressaltar que “a mulher jovem simboliza a eternidade da carne”.

Constituindo ligações com o Útero da Mãe-Terra, as montanhas sagradas podem ser consideradas como a grande referência da ascensão da tônica feminina que marca a trajetória da Humanidade na etapa ora em começo.